

E o professor envelheceu!

Breves relatos de professores municipais em processo de aposentadoria, Igarapé-Miri

Tatiane do Socorro Correa Teixeira¹

Maria Gorete da Cruz Procópio²

Resumo: A presente pesquisa analisa as peculiaridades, os desafios e as perspectivas do envelhecimento de professores aposentados ou em processo de aposentadoria, considerando que ser velho é uma invenção cultural e que o envelhecimento precisa ser desvendado a partir de quem está vivenciando este processo no cotidiano. Dessa forma foi realizado levantamento bibliográfico acerca da temática em questão, na qual foi possível o contato com autores como LEITE (2017), STANO (2001), SILVIA (2013), SOUSA (2015), autores que contribuíram para melhor apreensão do tema. Posteriormente foram realizadas pesquisa de campo por meio de entrevistas, na qual foi possível observar que os professores vivem a velhice a partir da sua identidade profissional ressignificada em outros espaços, tornando o envelhecimento um tempo de continuar sendo professor.

Palavras chaves: Envelhecimento. Professores. Aposentadoria.

INTRODUÇÃO

Educar no século XXI é um desafio que ultrapassa a mera transmissão de saberes científicos e pedagógicos, assume uma função primordial, formar para a vida. Dessa forma, atuar no processo educativo é realizar uma atividade transformadora, mudar vidas e semear sonhos, seja nos primeiros anos de docência quando ingressamos a sala de aula, seja nos últimos anos carregados de vivências e experiências de sala de aula. Assim, a partir de referenciais teórico-metodológicos das Ciências Humanas e Sociais, o presente artigo objetivou investigar as eventuais relações entre o envelhecimento do professor em processo de aposentadoria e as suas concepções de velhice, educação, saúde na perspectiva de como podem nortear (ou orientar) a sua prática profissional e os possíveis cuidados de si.

A partir da abordagem qualitativa, foram utilizadas, como instrumento de coleta de dados, entrevistas realizadas com professores graduados em

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em antropologia e sociologia da UFPA e coordenadora do curso de história da Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia. Email: tatyluzia@yahoo.com.br

² Mestre em Educação e Cultura pela UEPA.

diversas áreas do conhecimento, atuantes em diferentes âmbitos de trabalho, que possuíam entre 15 a 25 anos de carreira. Sendo majoritariamente mulheres na faixa etária entre cinqüenta e sessenta anos, residentes na cidade de Igarapé-Miri-Pa.

Mais do que pensar especificamente nos professores municipais, o presente trabalho pode colaborar para vislumbrar como outros educadores estaduais, federais, constroem suas lógicas referentes a educação, ao envelhecimento, ao corpo e à saúde em face de si e de sua prática ao longo do tempo. É em torno destas várias experiências que buscamos compreender o educador em processo de envelhecimento, compreender as ações, os comportamentos e os sentimentos, como percebem e representam a velhice em suas vidas, que critérios utilizam para definir uma pessoa como velha, especialmente para continuar na docência.

Nessa direção, cabe destacar que a relevância da presente pesquisa é no sentido de contribuir para conhecer como pode ser a vivência na carreira docente a longo prazo, precisamente a influência do envelhecimento na prática profissional.

O ENVELHECIMENTO: O SER NO TEMPO

O que é, com efeito, o presente? No infinito da duração, um ponto minúsculo e que foge incessantemente; um instante que mal nasce morre. Mal falei, mal agi e minhas palavras e meus atos naufragam no reino de memória. (Marc Bloch. Apologia da história).

A compreensão do tempo apresentada por Bloch nos coloca diante da relação entre passado e presente, um presente que se desfaz em segundos transformando-se em passado. A abordagem possibilita-nos pensar o homem no tempo. O que é o envelhecimento se não o homem no tempo, ainda que, a sociedade moderna negue a relevância desse tempo, do vivido, do experienciado. Pois como aponta Stano (2001) a velhice vai sendo congelada, coisificada e imobilizada.

Dessa forma, o envelhecimento, assim como a história, é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo vazio, homogêneo, mas um tempo saturado de agora (BENJAMIN, 1996).

Assim, o envelhecimento não corresponde a velhice, pois o envelhecimento inicia no momento do nascimento, já a velhice está relacionada aos sintomas físicos e mentais que surgem a partir de um momento/idade (Jacob, Santos, Pocinho & Fernandes, 2013).

De acordo com os primeiros estudos até meados do século XIX, o envelhecimento foi percebido como uma questão de mendicância, pois não tinham condições de se manterem economicamente. Desta concepção nasce a ideia ou a associação de velho como sujeito incapaz para produzir, trabalhar ou desenvolver-se economicamente (MOREIRA & SILVIA, 2013).

Entretanto, a partir do século XX com as novas políticas para a velhice que ocorre uma mudança estrutural, na qual se observa melhores condições de vida que contribuiu para o aumento da longevidade. Com essas mudanças, a categoria social também adquiriu novos termos, denominar-se idoso, terceira idade. Na qual é uma criação contemporânea onde a velhice é constantemente ressignificada (DEBERT, 2006). Assim, envelhecer é uma invenção cultural, na qual necessita ser identificado nas suas particularidades. Envelhecer para o homem do campo é diferente do envelhecer do homem do centro urbano, pois não há um processo único de envelhecimento.

Dessa forma, o envelhecimento é um processo de desenvolvimento heterogêneo que depende de cada indivíduo, pois cada pessoa apresenta modificações particulares, seja no campo biológico, psicológico ou social (Lima; Milani; Silva, G.; Silva, I.; Sanches & Nadaf, 2015, p.432).

Por isso, concepção de velhice, para alguns, estas atrelada a algo negativo, pelo cansaço, pelo baixo salário, pelas doenças, pelo outro como algo positivo tempo de descanso do trabalho árduo de uma vida inteira, tempo de viajar e aproveitar o tempo que ainda lhe resta, permitindo assim uma multiplicidade de reflexões em torno do tema.

Dessa forma, abordar a questão do envelhecimento é entender os significados construído por uma sociedade em relação ao seu próprio processo de envelhecimento. A velhice é um conceito encarnado no processo social e histórico, mesmo tendo como primeira referencia um processo biológico (STANO, 2001).

O ENVELHECER NA SALA DE AULA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS

Envelhecer como professor significa considerar que a prática profissional se torne relativamente diferente ao longo dos anos. Do professor jovem ao professor caminhando rumo a aposentadoria existem décadas de docência e de experiências vividas. Vale ressaltar as inúmeras potencialidades adquiridas com o passar dos anos que poderíamos resumir em maturidade profissional. Um dos destaques apontados quando assinalamos o envelhecer na prática profissional refere-se a questão do conhecimento e da experiência, como aponta Luzia Teixeira;

(...) as dificuldades aparecem mais como gosto da profissão procuro sempre está em busca de novos conhecimentos e estratégias. Com esforço e experiência que tenho hoje estou contribuindo com o desempenho das crianças e da própria escola. (Luzia Teixeira, 53 anos).

As afirmações de Luzia Teixeira caminha na perspectiva apresentada por Paulo Freire (1996) de que a segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente dessa competência. Assim, ainda que as dificuldades existam, o amor pela docência se sobrepõe a essa realidade.

Outro aspecto relevante observado na pesquisa é a dificuldade que os professores tem em atuar com alunos na contemporaneidade como aponta Osmarina Arnaldis;

Eu principalmente entrava na minha sala e o meu aluno me obedecia a gente dava aula direitinho eles estavam sentados prestando atenção e hoje não tem mais isso (risos). (Osmarina de Moraes Arnaldis, 63 anos)

As observações acima reitera o fato de que na atualidade o nível de **agressividade** dos alunos, de respeito aos professores e aos próprios colegas associada a falta de perspectiva de futuro leva ao desinteresse quase total pelo estudo e tem reflexos incisivos sobre os professores e sua atuação profissional, pois este enfrenta contradições que decorrem da contemporaneidade, ensinar alunos para uma sociedade de concorrência, quando boa parte dos alunos desejam apenas “passar de ano”.

Por isso, os educadores necessitam estar emocionalmente equilibrados, caso contrario, gera um mal estar docente³. Estes são alguns dos dilemas enfrentados pelo professor. Esse aspecto é também apontada por Maria do Socorro Antunes Cordeiro;

A dificuldades em sala de aula era a falta apoio dos pais, nos últimos anos de trabalhos as dificuldades aumentaram, já sentia o clima muito pesado dos alunos onde a desobediencia era muito grande, os alunos usavam drogas e iam brigados para sala de aula, não podia falar , saia da sala de aula com os nervos a flor da pele, um bagaço com vários problemas de saúde. (Maria do Socorro Antunes Cordeiro, 64 anos).

As dificuldades ressaltadas por Maria do socorro apontam para os

³ Este mal-estar leva ao estresse e ao esgotamento que somados à acumulação de exigências sobre o professor devido às transformações do seu trabalho profissional, desencadeiam o que se denominou de burnout (SILVIA, 2011).

problemas emocionais, estresse, desgaste diário ao qual o professor se submete no relacionamento com seus alunos. Podemos acrescentar a isso a sobrecarga de trabalho burocrático, a precarização do trabalho docente, e o próprio o contexto sócio-econômico como fatores determinantes para o adoecimento dos professores. A entrevistada Luzia Maria reitera;

Está cada vez mais difícil ser professor, principalmente com as corrupções por parte dos governantes que não aplicam as verbas nos seus devidos lugares, salários em dias, alimentação de qualidade, construções de novas escolas, e que hoje deixa a desejar (Luzia Teixeira, 53 anos).

Como afirma Luzia Teixeira, nas ultimas décadas muitas transformações ocorreram no panorama da educação brasileira e na profissão do professor, os desafios e conflitos a qual estão inseridos se intensificaram colaborando para isso, a ausência da família na escola, falta de apoio governamental, a corrupção, a falta de incentivo a docência e tantas outras mazelas que formam o contexto complexo da educação contemporânea.

UM OLHAR SOBRE A APOSENTADORIA

A Previdência Social que conhecemos hoje, nasceu na Alemanha em 1883, por meio da normatização de um projeto apresentado ao parlamento pelo Chanceler Otto Von Bismarck, o qual estabelecia um seguro doença, que foi complementado com aposentadoria por invalidez e seguro de acidentes de trabalho até o ano de 1889 (SILVA, 2017).

Advinda com a aceleração do processo de industrialização, a aposentadoria se converteu em uma das maiores conquistas do trabalhador, representando uma recompensa pelos seus anos dedicados á atividade produtiva pelo chamado tempo para o repouso. Porém, inerente a essa conquista no interior da atividade produtiva, a aposentadoria representa o afastamento do sujeito de um espaço que lhe conferiu um determinado perfil ou identidade profissional⁴ (STANO, 2001). Isso torna-se evidente nas entrevistas;

(...) trabalhei 40 anos em sala de aula mas 3 anos fiquei fora , não me sentia bem fora da sala de aula, na verdade eu não to fora da sala mais, estou na biblioteca os alunos vão tirar duvidas, eu queria

⁴ O processo de construção da identidade é uma temática cuja abordagem ocorre no campo da antropologia, sociologia, psicologia tanto no que se refere a definição e o próprio processo de formação da identidade. Ccomungam a idéia de que essa formação é um processo interno ao indivíduo, mas que ocorre de acordo com sua cultura e categoria social.

ter minha turma (pausa) me sinto um peixinho fora da água (risos)..
(Osmarina de Moraes Arnaldis, 63 anos)

As palavras de Osmarina Arnaldis evidenciam a perda do próprio sentido da vida pelo afastamento do espaço que constituía a sua rede de relações sociais e afetivas, por isso senti-se um peixe fora da água. Dessa forma, aposentar-se supõe ver a legitimada incapacidade de trabalhar e paradoxalmente a legitimada recompensa pelo tempo dedicado ao trabalho (STANO, 2001). Assim, cada professor compreende de forma diferenciada o afastamento do mercado de trabalho.

Por esses meandros, a aposentadoria pode se revelar como uma situação desqualificadora, visto que, os indivíduos passam à condição de ex-trabalhadores, vistos por um conjunto de valores e práticas de exclusão cultural e social. Por isso, muitos aposentados reingressar no mercado de trabalho, normalmente na mesma profissão, quando não conseguem atuam em serviços voluntários, ou em outra de atividade que os faça sentir úteis.

Enquanto para algumas professoras o afastamento da sala de aula é um duro fardo, para outras a permanência é o fardo, como aponta Maria do Socorro Antunes Cordeiro, *“quero viajar e não há possibilidade de voltar para a sala de aula, quero curtir minha família e recuperar o de desgaste físico e mental”*.

A afirmação acima reitera o fato de que a profissão professor traz conseqüências para o corpo e para a mente, especialmente durante o processo de envelhecimento, como aponta Osmarina de Moraes Arnaldis;

(...) foi operada da visão e tinha um problema de garganta por causa do pó do giz, e isso veio a prejudicar a garganta . (Osmarina de Moraes Arnaldis, 63 anos).

As conseqüências apontada pela entrevistada refletem as reais condições sob as quais se desenvolve o adoecimento físico e mental dos professores levando-os ao afastamento do trabalho por motivo de saúde. Isso reflete o quanto o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, vai além da sala de aula assumindo várias funções, articulador entre a escola e a comunidade em seu entorno, organização de oficinas, feiras, envolvimento em projetos de pesquisa, dedicando-se intensamente a escola. É quando se percebe o cansaço. É o que ressalta Luzia Teixeira;

É quando percebemos que não temos a energia de antes, sentimos perda de visão, auditiva, diminuindo nossa capacidade intelectual. (Luzia Teixeira, 53 anos).

No que tange a aposentadoria os sujeitos pesquisados mostraram-se injustiçados com os valores bem abaixo do valor salarial em que estavam habituados a receber, insatisfeitos com o sistema de Previdência Social brasileiro. Com frequência estes aposentados assumem o papel de mantenedor do grupo familiar, logo necessitam continuar com os valores financeiros para manter a família, sabendo-se que, os valores recebidos com a aposentadoria não cobrem as despesas de sua manutenção e de seus dependentes. Assim, a aposentadoria que deveria ser um momento de tranquilidade e desfrute do longo tempo trabalhado constitui-se em momento de angústia diante do mínimo salário e das responsabilidades financeiras assumidas.

Assim, vivenciar o momento da aposentadoria não é um processo tão simples, é marcado por conflitos, estereótipos, dúvidas e expectativas, resultando em formas diferenciadas de enfrentamento deste momento.

CONCLUSÃO

Abordar acerca do tema o professor no processo de envelhecimento é desafiador. Talvez, tal dificuldade se deva ao medo do que esta condição representa nos contextos sociais, ou seja, a aposentadoria carrega o estereótipo da inatividade ou da desocupação ou ainda da improdutividade. Logo, os que compartilharam suas vivências, trajetórias, experiências, permitiram expor suas experiências, seus desafios, suas percepções em torno de um caminho que todos os homens e mulheres um dia vão trilhar, o de envelhecer.

O posicionamento apresentado pelas entrevistadas podem ser compreendidas por um conjunto de fatores que vão desde fatores ligados a prática profissional, quando a vida privada, ou seja, são um conjunto de fatores que determinam o envelhecer saudável, pois todos os acontecimentos ao longo da vida influenciam o processo de envelhecimento.

Dessa forma, os professores entrevistados que atuam na prefeitura municipal de Igarape-Miri, apesar de suas trajetórias serem diferentes, estes vêem a aposentadoria como o resgate financeiro do que foi contribuído durante uma vida profissional, fruto do trabalho de longos anos, no entanto, carregam consigo os sentimentos de insegurança, conflito, deslocamento e receio de não ser socialmente útil após a aposentadoria.

A pesquisa revelou que as professoras em processo de aposentadoria passam por dificuldades relacionadas ao estresse, a doenças adquiridas durante o exercício da docência e a dificuldades financeiras.

Porém, há muito ainda a ser feito, principalmente no que se refere as políticas nacionais e locais, para proporcionar condições para um envelhe-

cimento saudável, deixando para trás o envelhecimento como um problema social a ser resolvido.

Portanto, o professor ao longo do processo de envelhecimento carrega o estigma da velhice e da falta de valorização da sociedade que são intensificadas com a proximidade da aposentadoria, logo, vivenciar a aposentadoria não constitui uma tarefa fácil, necessita de preparação e reflexão para que o término da docência não constitua num processo ainda mais doloroso.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**.-3. Ed.-Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005

BRANDÃO, Carlos. **Identidade e Etnia. Construção da Pessoa e Resistência Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996, PP.222-232.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários a Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Atores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Medo e Ousadia**- O Cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e educação: ensaios**. 5ª Ed. São Paulo, Cortez. 2001

_____. **Extensão ou comunicação?** 7ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: editora UNESP, 2000.

_____. **Professora Sim, tia Não: Cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo, Ed. Olho d'Água, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra.** São Paulo: Petrópolis, 2000.

GAUTHIER, Clermont. TARDIF, Maurice. **A Pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GINZBURG, Carlos. **O fio e os rastros.** Verdadeiro, Falso, Fictício. São Paulo Companhia das letras, 2007.

LEITE, Ângela Roberta Lucas. Maria do Socorro Sousa de Araújo. Significados da velhice para quem envelheceu. *Temporalis*, Brasília (DF), ano 17, n.33, jan./jun.2017.

OLIVEIRA, Dalila Andrade e FERREIRA, Elisa Bortolozzi. **Crise da escola e políticas educativas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil.** São Paulo: Ática, 2009.

PORTELLI, Alessandro. O faz a história oral diferente. **Revista Projeto História.** PUC-SP, São Paulo: EDUC, Fevereiro, 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista Projeto história.** PUC-SP, São Paulo (15), Abril, 1997.

_____. **Ensaio de História Oral** (Seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santiago). São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia no Brasil – História e Teoria.** São Paulo: Autores Associados, 2008.

STANO, Rita de cássia M.T. Identidade do professor no envelhecimento.-São Paulo, Cortez, 2001.

SILVIA, Alan Camargo. Sílvia Maria Agatti LUDORF. Prática profissional em educação física: Rumo as novas experiências com o passar dos anos. *Estudos interdisciplinar envelhecimento*, Porto Alegre, v.18, n.2,p.411-427,2013.

SILVA, Maurina Passos Goulard Oliveira. A silenciosa doença do professor: Bornout, ou o mal estar docente. Prêmio Inovação em Gestão Educacional, edição 2011.

SOUSA, Carolina Silva. Francisco P. Rodrigues Miranda. Envelhecimento e Educação para a resiliência no Idoso. Educação e realidade, Porto Alegre, v.40, n.1,p.33-51, jan/mar.2015.

SWARTZMAN, Simon E COX, Cristian. **Políticas educacionais e coesão social**. Petrópolis: Campus, 2009.

TETART, Philippe. **Pequena História dos Historiadores**. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2000.